

PETS

Contos e Poemas Sobre
Animais de Estimação

VOL. IV

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-36698-2

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

MAYA, POR CAQUI66, PÁG. 05

DOÇURINHA, POR CAQUI66, PÁG. 09

AMOR, POR ELISA PRADO, PÁG. 11

MELANU, CRIANÇA, POR EMANUELLE ANASTASSOPOULOS, PÁG. 14

O REINO DE MAUZINHO, POR FLAVIO JOPERT, PÁG. 18

BARTH, O GATINHO CAMELO, POR KELEN RAMOS DA SILVA, PÁG. 21

NEGRITA, A GATINHA DE PELOS AVELUDADOS, POR KELEN RAMOS DA SILVA, PÁG. 23

ODE AOS GATOS, POR NAIRLY MELO, PÁG. 25

KEI KEI E OS CASTELINHOS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 29

KEI KEI E A PORTA DO POMAR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 31

RIVER, POR SELMA LUANNY, PÁG. 33

QUE ALEGRIA!... E ALÍVIO!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 36

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 38

PETS

Contos e Poemas Sobre
Animais de Estimação
VOL. IV

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR





APRESENTAMOS O CONTO

MAYA

POR CAQUI66

MÃE DE ANA, VÓ DE PET, É PROF^a DA REDE PÚBLICA ESTADUAL E AMA LER, ESTUDAR, CONTAR HISTÓRIAS E OUVIR OUTRAS PESSOAS CONTAREM SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS TAMBÉM...



Maya

Llegó a mí aún chiquita y cambió todo.

Sólo ocho meses, demasiado chiquita y toda irisada.

Desde luego me enamoré con su sencillez y confianza.

Cuando mi hija salía en viaje a trabajar, yo la encontraba, para cuidarla.

Me sentaba a la puerta y ella se ponía sobre mi rodilla o mi cuello sin darse cuenta de su fragilidad y exposición.

Sin esfuerzo alguno le quitara el ánimo y el aliento si quisiera, pero ella no lo creía y se quedaba a mi lado.

Hubo veces que tuve que limpiar la caca que hacía por la casa o en la cama y otras tantas se acostaba sobre mi panza para dormir.

Jugaba a esconderse y yo la buscaba.

Me hacía sonreír y me calmaba.

Al pasar el tiempo, cambió de casa y vino a vivir conmigo.

Y llegó con tal encantamiento que todo se alumbró: la vida adentró nuestra vivienda y tal la alegría que todo el espacio se convirtió feliz.

Hoy, las cajitas se asoman por la casa y ella, por todo, me acompaña.

Si estoy a trabajar en la computadora, se acerca a mí, sube en la impresora y se queda hasta que se enfada y comienza a cruzar por encima del teclado como a decirme: ¡Abuelita, aquí estoy! ¡Ven a disfrutar conmigo!

Y, de pronto, mi vida se convierte en felicidad.

Si me voy al baño me sigue y hace también su gotita.

Si me ducho, se pone a jugar con el agua que escurre por las paredes del box y, después, sale a caminar, dejando la marca de sus patitas mojadas por toda la casa.

Si me acuesto, se acuesta junto a mis pies o a mi cuello, debajo de la sábana, si hace frío.

Y cuando ella va a comer, se sienta y me mira, como a pedirme que me acerque y le cubra de cariño. Y así lo hago.

Me pongo a su lado, acaricio su pancita con una mano mientras, con la otra, le acaricio la cabecita.

Su mirada es una invitación al amor.

Y su conversación, aunque un enigma sin palabras, es un mundo de descubiertas y alegrías para mí.

Corre detrás de un mosquitito, una brujita o una termita...

Y salta y brinca y corre y se esconde...

Me lame y mordisca, ronronea y me ama.

Ahora tiene cuatro años y sigue llenando nuestra casa de travesuras, de alegrías y de vida...

Maya

Ela veio até mim quando ainda era pequena e mudou tudo.

Apenas oito meses, muito pequena e toda eriçada.

Imediatamente me apaixonei por sua simplicidade e confiança.

Quando minha filha viajava para trabalhar, eu cuidava dela.

Eu sentava na porta e ela subia no meu joelho ou no meu pescoço sem perceber sua vulnerabilidade e exposição.

Eu poderia facilmente esmagá-la, machucá-la, se quisesse, mas ela nem tomava conhecimento disso e permanecia ao meu lado.

Havia momentos em que eu tinha que limpar o cocô que ela fazia pela casa ou na cama e outras vezes ela simplesmente deitava na minha barriga para dormir.

Brincávamos de esconde-esconde e eu procurava por ela.

Isso me fazia sorrir e me acalmava.

Com o passar do tempo, ela mudou de casa e veio morar comigo.

E chegou com tanto encanto que tudo se iluminou: a vida entrou na nossa casa e com tanta alegria que todo o espaço ficou feliz.

Hoje há caixinhas por toda a casa e ela, em tudo, me acompanha.

Se estou trabalhando no computador, ela vem até mim, sobe na impressora e fica por perto até cansar e, então, começa a cruzar por cima do teclado como se quisesse me dizer: Vovó, estou aqui! Vem brincar comigo!

E, de repente, minha vida se enche de felicidade de novo.

Se eu vou ao banheiro ela me segue e também faz o seu pinguinho.

Se vou tomar banho, ela começa a brincar com a água que escorre pelas paredes do box e depois sai para passear, deixando a marca das patinhas molhadas por toda a casa.

Se eu vou pra cama, ela deita perto dos meus pés ou do meu pescoço, embaixo do lençol, se estiver frio.

E quando ela vai comer, ela senta e olha para mim, como se me pedisse para chegar mais perto e cobri-la de carinho. E então eu faço isso.

Fico ao lado dela, acaricio sua barriguinha com uma mão enquanto, com a outra, acaricio sua cabecinha.

Seu olhar é um convite ao amor.

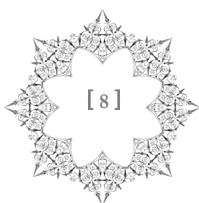
E a conversinha dela, embora seja um enigma sem palavras, é para mim um mundo de descobertas e alegrias.

Corre atrás de um mosquitinho, de uma bruxinha ou de um cupim...

E pula e salta e corre e se esconde...

Me lambe e mordisca, ronrona e me ama.

Agora ela já tem quatro anos e continua enchendo nossa casa de travessuras, de alegria e de vida...





APRESENTAMOS O POEMA

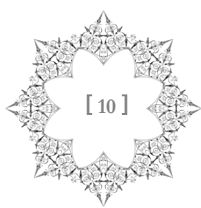
DOÇURINHA

POR CAQUI66

MÃE DE ANA, VÓ DE PET, É PROFª DA REDE PÚBLICA ESTADUAL E AMA LER, ESTUDAR, CONTAR HISTÓRIAS E OUVIR OUTRAS PESSOAS CONTAREM SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS TAMBÉM...



Não é feita de açúcar.
Também não leva leite condensado nem morangos maduros...
Mas é uma doçurinha cheia de pelos.
Olhinhos verdes que ficam fininhos quando tem muita luz e viram bolinhas quando começa a ficar escuro ou quando te olha cheinha de dengo...
E feito bolinha se enrola prá dormir
Mas deixa o rabinho sacudindo por um tempo...
É só se aproximar, devagarinho, e as orelhinhas ficam de pé
Às vezes girando, feito coruja...
E a barriguinha?
Coisa mais macia e quentinha!!
Essa gatinha enroscou meu coração!!





APRESENTAMOS O CONTO

AMOR

POR ELISA PRADO

ELA ERA UMA MENINA QUE AMAVA ESCREVER, PASSOU A INFÂNCIA TODA COM UMA CANETA NAS MÃOS, ESCREVA O MUNDO QUE VIA E O QUE IMAGINAVA, SE TORNOU UMA JOVEM QUE ESCREVA APENAS PARA SI E PARA OS AMIGOS, AGORA, AOS 58 ANOS, RESOLVEU ESCREVER PARA AS OUTRAS PESSOAS, PORQUE ESCREVER É UM OFÍCIO QUE A ACOMPANHOU POR TODA A VIDA, DOS MAIS TRISTES AOS MAIS ALEGRES MOMENTOS, ESCREVER TORNAVA A VIDA MAIS LEVE E IMPRIMIA SIGNIFICADO A TUDO. ENTÃO, SE ESCREVER É URGENTE E NECESSÁRIO, SE SÓ A ESCRITA É CAPAZ DE MOSTRAR O QUE ELA SENTE AO MUNDO. ELA SEGUIRÁ ESCREVENDO...



Era 2001, em meio ao turbilhão de pessoas no centro de São Paulo, avistei uma cocker, supostamente preta, circulando entre as pessoas, desnorreada. Linda! Pensei, mas anda solta assim, sem dono? Dono? Cadê o dono? Saí perguntando para todo mundo, até ouvir alguém dizer: Essa cadela está vagando por aqui há uma semana, atravessando avenidas, ninguém sabe de onde veio. Bom, pensei, então Deus me deu uma cadelinha de presente? Um morador de rua apareceu, pegou-a pelo pescoço e atirou-a longe, gritei: Pode parar, essa cachorra é minha.

Levei-a para dentro de um prédio, saí para comprar água, ração, coleira e guia; ao voltar, ela viu a coleira, enfiou o pescoço e fomos para casa como velhas amigas.

Ganhou banho e tosa de presente. Quando saiu do banho rebolando em minha direção, dei um grito: Quem é você? Ela não era preta como pensava, estava tão suja que não dava pra saber a cor, na verdade era preta, branca, amarela e linda.

Chegando em casa, disse: Tia, nova moradora. Ao contrário do que esperávamos, ela se sentiu muito à vontade.

Olhava para mim com seu olhar de lua, colocava o queixo sobre minha perna enquanto eu jantava, roubava os bombons da caixa e pegava meus chicletes no lixo para acabar de mastigar. Na rua, crianças torciam suas orelhas, apertavam o focinho, não fazia nada, tão dócil com todos, sempre tão gentil...

Chamava para tomar banho, entrava sozinha no box e depois secava as orelhas ao sol... Quando passeávamos, eu me escondia atrás dos carros, ela parava, olhava para os lados, e, quando eu aparecia, corria pra mim como um foguete, dizendo: Ela está bem ali, não me abandonou...

Já era uma senhora quando a encontrei, meiga, educada, amorosa, gentil.

Segurava a guia na boca quando íamos passear, mas se negava a segurar quando voltávamos para casa. Passear é bom, ela me ensinou isso.

Pela manhã, ao abrir a porta do quarto, corria para mim, não havia mal humor que resistisse aquele abraço.

Dalila trouxe luz para os meus dias durante os quatro anos em que vivemos juntas, minha casa era um parque, uma galáxia, um campo em flor, um mar azul, porque a presença dela tornava tudo mais bonito e seus ensinamentos me transformavam em alguém melhor.

Um carquinho na mama, um câncer, duas cirurgias. Mesmo com pontos do pescoço até a virilha, continuava correndo para mim. O amor que os cães sentem por nós não se deixa vencer pela dor.

Deus, fiz tudo o que pude? Tudo o que era preciso?

Ela não reclamava, continuava dócil, amorosa, colada em mim, como se soubesse que deveríamos aproveitar o tempo que nos restava, sem lamentos. Minha amiga estava sofrendo e eu nada podia fazer senão amá-la e retribuir toda a ternura que havia recebido durante aqueles anos.

Uma noite, respirava com dificuldade, liguei para a veterinária, coloquei meu colchão no chão para ficar perto dela. Assim que deitei, ela caminhou até mim, deitou-se na dobra dos meus joelhos, deu um gemido suave, e partiu.

Ela foi embora, eu fiquei aqui. Chorei a noite inteira, o mês inteiro, e chorarei a vida inteira por ela, Dalila, meu sol, minha companheira, meu talismã.

Todas as vezes em que sinto a terra tremer sob meus pés, o mundo girar, um abismo se abrir, eu penso nos olhos doces da Dalila, sua sabedoria em enfrentar tudo com alegria; então, respiro fundo e sinto uma brisa suave passar através de mim, como a que sentíamos quando passeávamos, ouço seus passos, suas patinhas caminhando sobre os tacos da casa, e uma sensação de que a vida é bela se apodera de mim. Digo: Entendi, querida, o mundo é bom!

No curto espaço de tempo em que estivemos juntas e abraçadas, espero ter dado o amor e a dignidade que ela tanto merecia. Até hoje, quando caminho pelas ruas do bairro, sinto-a junto de mim, com suas orelhas grandes, focinho comprido, olhar de estrela...

Sonho com o dia em que a verei correndo por entre as nuvens em minha direção: Mamãe, não se sinta perdida, eu estou aqui.

Nada preencherá o vazio que é viver sem ela. Nada superará os momentos maravilhosos que vivi ao lado dela.

Obrigada Dalila.

Mamãe também está aqui.





APRESENTAMOS O CONTO

MELANU, CRIANÇA

POR EMANUELLE ANASTASSOPOULOS

EMANUELLE TEM 24 ANOS, É PAULISTA, BACHAREL EM SERVIÇO SOCIAL PELA UFRJ E CURSA PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA UFRJ. ELA É POETA DESDE OS 12 ANOS, ATIVIDADE QUE SURGE ATRAVÉS DA PAIXÃO PELAS LETRAS DOS BEATLES E DE UM DESEJO ÍNTIMO DE AUTO EXPRESSÃO ARTÍSTICA. AO LONGO DE SUA TRAJETÓRIA ACADÊMICA, A ARTE, A ESCRITA E A CULTURA A ACOMPANHARAM E COMPUSERAM TODA A EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM O NOVO QUE A UNIVERSIDADE PROPORCIONOU. ATUALMENTE, SE INTERESSA POR LITERATURA RUSSA E CULTURA INDIANA.



Ela foi minha primeira amiga. Pequena que era, sozinha também; eu e ela. Aí que amei-a como se fosse minha. Mas isso não era; senão só dela. E como todos, também da terra. Nunca gostei de bonecas; preferia as pelúcias, os livros, e ela. A primeira vez que a vi, era duplamente não minha; era da minha tia. Foi na cidade paulistana, num apartamento. Não era dali, ela. Em verdade, o lugar era grande, mas não a agradava. Eu e ela, antes via e agora vejo mais ainda, éramos muito parecidas. Não sei se foi assim desde o parto, ou tornou-se pela convivência. Sei mesmo que quando a vi, era arredia, nervosa. Estava infeliz nas condições daquele quadrado. Eu também nunca gostei de moradas sem quintal, nem árvores, nem terra. Em São Paulo, tudo sempre me pareceu feio. Já era mocinha quando vi alguma beleza, cultural, é claro, pois nenhuma de natureza.

Presentearam-me dela. Era muito grande para o tamanho das casas das capitais. Acredito que existem seres que não cabem nas tenebrosas arquiteturas das grandes cidades. Dizem que quem nasce perto da terra, do ar, do fogo e da água, não se acostuma a viver na fuligem, vendo os raios de sol, magricelos, aparecerem pelas grades da janela. Era filha do interior, eu e ela. Quando veio pra casa, me mordeu logo na cara. Na época foi ferida doída, hoje; cicatriz, lembrança bonita. O caso aconteceu quando fui abraçá-la, e não estava acostumada com afeto; julgou ser ameaça. Isso também fiz mais tarde, ainda nova ao tentar amar alguém. Como julgá-la?

Nossa infância foi picotada com gostinhos de Minas, São Paulo, e Santa Catarina. A todo lugar que a vida tragava a família, ela também ia. Há algo de constrangedor na convivência de famílias pequenas; falta dinâmica, aventura. Mas ela trazia-nos mais alegria, era mais uma pra gente cuidar. Tinha sua relação própria com cada membro da família; com mamãe, a sujeira; com papai, a súdita; comigo, a confidente. Foi a parte mais doce da minha infância. Menininha, ia ao quintal e brincava como se a cadela fosse a irmã que nunca tive. Contava tudo, conversava com ela. Com as orelhas de bicho, ouvia e dava-me bons conselhos; um verdadeiro oráculo cheio de pelos. Conteí à ela quando me apaixonei pela primeira vez. “Melanu, ainda és nova. Amor é coisa de outro mundo. Nesse, ainda existe capengando. É difícil amar seres machucados por esse planeta pesaroso.” Teve uns tempos, pouco antes da menarca, que eu estava sempre triste. Aí que deitava em sua gorda, quentinha barriga e era sempre muito bem acolhida. Lá, ouvia dentro dela

as vísceras de cachorro, os vermes, as comidas todas. Como podia? Ser ela aquelas tripas e, não menos, minha melhor amiga?

Fui crescendo, já eram outros tempos. Acontece que muitas vezes já esquecia de passar tanto tempo com ela no quintal. Quando ia, orgulhosa, não me queria; não lambia nem abanava o rabo. Demorava pra me perdoar. Era assim, da mesma forma, quando viajávamos; ela sofria, mal comia! Na volta, estava impecável como se nem tivesse percebido a ida, mas se acostumado e na cabeça dela, nunca tivéssemos existido; não lambia nem abanava o rabo. Rancorosa, eu e ela. Mudávamos de casa, de cidade, de gente, tantas e tantas vezes! Era sempre outra mudança assim, de repente. Muitas amiguinhas ficavam nas cidades passadas, mas ela sempre me acompanhava. Deveria, com isso, já ter percebido que não a tinha, nem a nada. Mas ainda não era a hora exata. Nuns tempos, estava doentinha das patas, ela. Já velhinha, sentia minha falta mais que nunca, mas não mais podia dar-lhe o que merecia. O mundo de fora havia notado meu crescimento, e me chamava. O mundo de dentro, já não me comportava.

No dia que se foi, também eu já estava de partida. Foram tantas idas anteriores, mas nessa, ia sozinha, eu e ela; uma de cada vez. Não havia maneira de levá-la, nem dela levar-me. A última vez que a vi em vida, era manhã, estava indo para a escola e era época de muitas provas, daquelas de 3º ano, daquelas de vestibulanda. Estava deitada no quintal a minha cadelinha, cansada já de existir. Fui lá de mansinho, ajeitei-a, pois sabia de seu pesar ao andar. Dei-lhe remédio, um sorrisinho e um “Tchau, irmã.” Ao chegar da aula, fui estudar e no meio, ouvi ela latir lá fora, me chamando: “Melanu, vem aqui, vem aqui!”. Pensei “Daqui a pouco vou.” Não fui. Mamãe chegou em casa, desceu ao quintal, subiu ao meu quarto e, tremendo, disse-me: “Melanu, ela morreu.” Foi como uma carga elétrica na minha nuca. Todo o ar do espaço secou, pesou. Os objetos ao redor pareciam irreais. Distanciei-me do cenário e meu único elo com o mundo, era aquela morte. Saiu uma lágrima sozinha. Mas ao longo dos anos saíram muitas outras, ao lembrar-me que a neguei uma despedida. Como se já tivesse naquela manhã mesmo, adiantado, para não ter que fazê-lo, mais dolorido, na hora da morte. Junto a ela, foram-se, enfim, meus gostos de moleca. Quando vi seu corpo de cachorro, frio, morto, preferi pensar que era só sono. Olhei-a e ela olhou-me, mexeu um pouquinho o focinho e sussurrou: “Irmã, perdoo-te.

Perdoe-me também por essa ida.” Falei a ela: “Obrigada. Estarás para sempre perdoada, mesmo sem dever-me nada.”

Foi enterrada no sítio de um tio meu, no alto de uma montanha, a céu bem, bem aberto. Nunca quis saber aonde, assim tão exatamente. Mas ela queria. Outro dia, já passados vários anos e sendo universitária na cidade grande, voltei ao interior. Fui de visita ao sítio; almoço de domingo. Resolvi então, caminhar sozinha pelo pasto plano, debaixo do céu profundo, em cima daquele quintal verde sem fim, que parecia mais ser o mundo todo naquele momento. Passei pela curva superior esquerda da plantação de capim, numa parte muito alta onde via ao longe os montes pelados e junto com eles, ia meu pensar. Aí ouvi uivando a brisa campesina: “Melanu! Estás linda, crescida!” Sorri, criança.





APRESENTAMOS O CONTO
O REINO DE MAUZINHO

POR FLAVIO JOPPERT

FLAVIO É POETA, HERALDISTA, ESOTÉRICO, MAGISTA, E ACIMA DE TUDO AMBIENTALISTA, SABE QUE A ARTE ATRAVÉS DA ESTÉTICA É A CULTURA QUE TRANSFORMA O MUNDO NUM LOCAL CIVILIZADO. TRABALHA NO CONTROLE DE ENDEMIAS DO RIO DE JANEIRO ONDE É GUARDA 1, E ADIDO CULTURAL. A POESIA, UMA DAS ARTES DAS MUSAS DE PERSÉFONE, É A FERRAMENTA DE SUBLIMAR OS PROBLEMAS E DE EDUCAR PARA O AMOR, RESPEITO, E PRESERVAÇÃO DA NATUREZA. NASCEU EM NITERÓI - RJ EM 1973.



Mauzinho era um menino branquinho, cabeça redonda, dentes grandes e caninos. Vivia num satélite artificial feito de metal, todo de metal, em outro universo. Não vivia sozinho, tinha dois amigos: o escorpião, e a cobra. A cobra, as vezes, se transformava em sua mãe, e colocava a pontinha do rabo em sua boca, para ele chupar.

No satélite o metal se materializa em qualquer coisa, o inexistente do metal surgia, e passava a existir. Era assim que o escorpião vivia. Limalhas de metal, transformavam-se em baratas, ele comia, em seu intestino, assumiam a forma de mercúrio líquido, quando saiam voltavam a ser limalha, que o escorpião transformava em baratas e comia de novo.

O dia e a noite existiam. O metal espelho, como um gel de prata, refletia a sua imagem, ele se transformava num garoto boboca de olhos azuis. Vendo aquilo ele furava um dos olhos azuis no espelho, começava a tarde, furava o outro, apagava a luz, começava a noite. Ia dormir tranquilo. Até que o dia começasse de novo.

Ele, de tempos em tempos, ficava de ante do espelho. Se interrogava quem era ele, sobre sua individualidade e existência. Poderia ser o Príncipe de Saint Exupéry, mas a cobra não tinha enganado ele, no livro ele não seria picado pela cobra para não sofrer mais. A cobra dava de mama para ele, a realidade era diferente da existência. Vendo isso, numa outra dimensão. Um gênio mau se interessou por Mauzinho.

Viajou por anos luz através dos diferentes universos até chegar no Satélite Artificial de Metal onde vivia o rapaz. Quando lá chegou ficou maravilhado com o brilho de metal, e pensou, sabendo das naturezas das coisas naquele lugar, era melhor que tudo se transformasse em ouro.

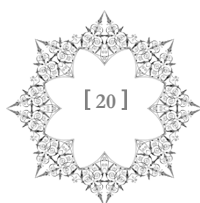
Não foi difícil de encontrar Mauzinho. Conversaram. Contou para ele de seus dois amigos. A cobra e o escorpião. De como passavam o tempo juntos, o escorpião comendo baratas, e a cobra brincando de ser sua mãe.

O gênio, vendo aquilo, vendo a felicidade que existia no lugar. Ofereceu um presente para o menino. - Te darei uma chave, com que a qual poderá abrir até 7 cadeados que guardem os segredos de qualquer pessoa nos universos. Seja feliz, com esse novo presente, como foi até agora.

Se lembrou de sua televisão, e começou a ver a vida das pessoas nos outros universos, como tinha dito o gênio. Com sua chave tinha acesso a vida das pessoas e existências. Ele tanto entrava na vida das pessoas, quebrava suas coisas, sumia com o dinheiro delas nos bancos, como ia no ninho dos passarinhos, e lá colocava ovos de

cobras e lagartos para eles chocaram. Com aquela senha, ele tinha feito de seu Reino, o Reino da Bagunça, onde qualquer coisa poderia estar em qualquer lugar. Assim reinava em todos os universos.

Tinha sido este o presente que o gênio lhe tinha dado. Foi algo que o deixou feliz. Era muito prazer bagunçar a vida de tudo que existia nos universos. Era hora de ir dormir, diante do espelho voltava a ser o menino boboca de olhos azuis, era hora de apagar as luzes. Poderia sonhar, como sempre, com a chave mágica dado pelo gênio. Ele era mais que aquele Pequeno Príncipe do livro de Antoine. Desdenhava dele e da cobra sua amiga, que só podia picar para evitar o sofrimento. Ele agora tomava conta da vida das “coisas” que existissem. Se olhava no espelho, e pensava, então, que tinha poder...





APRESENTAMOS O POEMA

BARTH, O GATINHO CARAMELO

POR KELEN RAMOS DA SILVA

ESTA AUTORA POSSUI BACHARELADO EM DIREITO E LICENCIATURA EM FILOSOFIA. É FUNCIONÁRIA PÚBLICA. NAS HORAS VAGAS GOSTA DE ESCREVER POEMAS SOBRE TEMAS DIVERSOS. GOSTA DE ANIMAIS.



De forma inesperada
Apareceu na minha casa

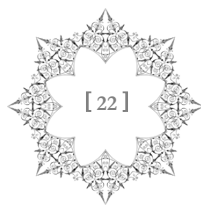
É um gatinho caramelo
Doce, amável e com olhinhos amarelos

E, claro, foi adotado!
Ganhou muitos brinquedos
E adora ficar deitado

Pela manhã, ele acorda animado
Pede ração e um pouco de afago

No almoço, quer que eu troque a ração
E quando atendo seu pedido
Ele agradece a minha atenção

Barth se tornou um gatinho muito especial
E toda vez que saio para trabalhar lhe dou tchau





APRESENTAMOS O POEMA

NEGRITA, A GATINHA DE PELOS AVELUDADOS

POR KELEN RAMOS DA SILVA

ESTA AUTORA POSSUI BACHARELADO EM DIREITO E LICENCIATURA EM FILOSOFIA. É FUNCIONÁRIA PÚBLICA. NAS HORAS VAGAS GOSTA DE ESCREVER POEMAS SOBRE TEMAS DIVERSOS. GOSTA DE ANIMAIS.



Negrita apareceu no telhado
Com o pelinho todo arrepiado
Tinha quatro meses de vida
E miava pedindo comida

Para a sua alegria ela foi adotada
Logo depois, também foi castrada
Estava muito magrinha
Mas com a ração boa
Ficou bem gordinha

Adora dormir dentro do sofá
E a humana a chama:
Negrita, venha pra cá!
Ela sai com preguiça
Fazendo bocejo
Se estica e se dobra
Num grande molejo

Negrita se tornou carinhosa
Claramente, bem venturosa
E por conta de tanto cuidado
Seu pelo ficou aveludado





APRESENTAMOS O POEMA

ODE AOS GATOS

POR NAIRLY MELO

ESCRITORA, CONTISTA, POETISA DESDE OS 10 ANOS, VENCEDORA DE CONCURSOS DE REDAÇÃO NACIONAL. MORA EM CÁCERES PANTANAL MATO-GROSSENSE, TENDO VÁRIOS LIVROS DE ANTOLOGIAS PUBLICADOS, NOVOS PROJETOS ESTARÃO EM PROCESSO DE PUBLICAÇÃO. AMANTE DA ARTE E DOS LIVROS.



Uma curta homenagem
Pelo tanto e tamanho que lhes gosto.

É feita pra vocês amigos meus felinos, meus gatos

Que estão sempre por perto... Sempre a minha espreita Sempre a nos bisbilhotar.

Curiosos e brincalhões,
com muito pouco os divertem bolas amassadas de papel afiando suas unhas, arranhando
os pés da mesa
ou correndo atrás de fios de tecer... Eles são mesmo assim..
uma extensão de mim! Deitados pelos tapetes, almofadas ou cadeiras,

de balanço Sempre ao redor,
Sempre constantes, como
Quando ao sair me acompanham à porta ou quando eu chego
me esperando ao portão.

Quando estou feliz pulam no meu colo
ou me roçam as pernas já quando triste...
são companhias silenciosas...

suscintas.
Sua calma. me acalma.
sua boa energia me contagia Gatos em casa...
Pessoas mais felizes!

Quando vou dormir, deitam do meu lado e naquele movimento de "amassar pãozinho"
ronronando,
me trazem ao momento presente, e o sono logo vem.

De hábitos noturnos e ao relento no telhado,

Observo
dois vultos, de silhuetas esguias, e num miado
contínuo e rasgado
o namoro é consumado.

Neles tudo me encanta e nada mais me espanta, Desde o Egito antigo,
Onde eram símbolo sagrado e adorados.

As superstições a eles associadas de mal agouro,
Amados ou odiados, Eles continuam "Zen" Fechando os olhos,
Meditam se amam...
Vejo que a gata mãe ensina seu filho
ao te trazer sua presa Caçar, seu triunfo...
seu orgulho...

Sua missão, Seu instinto,

Quando a saudade vem e a corrói
vejo seu olhar distante perdido
Quando a outra sua parte se vai
fica numa espera sem fim,
que a mata Primeiro a alma depois o corpo...

Já tive gatos de todas raças, cores, pelagens
e particularidades.
Descreve-los assim é um presente pra mim.

Como quando aparecem na nossa porta, ou em nossos caminhos nos escolhendo.

Gosto de ver, como se surpreendem como reagem. são as nossas
companhias certas de todas as horas como
Quando, eles retribuem ao nosso olhar... e na "piscadinha do amor"
trocam compartilhando objetividade.

São fieis e ciumentos mais amantes de pessoas,
humanos que por muitas vezes indiferentes, Sequer sentem sua presença.

Sempre independentes Fazem a sua higiene, Estando sempre limpos pelas suas lambidas
diárias.

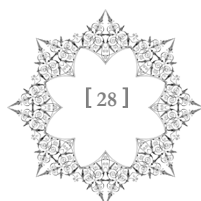
Enfim,

Os bichanos nos demonstram Carinho e amor.

Em sua verdade a expressa através
de um miado diferenciado... que emitem
pois não nos exigem muito a não ser a nossa companhia,

Eles são tão breves!.... mas nos deixam pegadas em nossos corações.

Pra eles meu miau especial!





APRESENTAMOS O CONTO
KEI KEI E OS CASTELINHOS
POR SELMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Kei Kei e Leng Leng, nossas cadelas, frequentemente ficavam soltas ao redor da casa, em espaços que incluíam os jardins.

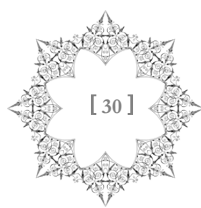
Ao longo da base das paredes anteriores da casa, havia um canteiro estreito, com pequenos arbustos verde-amarelados sobre solo recoberto por pedras pequenas, redondas e esbranquiçadas, cada uma com 2 a 4 centímetros de diâmetro. Essas pedras eram denominadas vulgarmente "castelinhos" e tinham duas finalidades: enfeitar o jardim e amortecer os pingos de chuva que caíam da beirada do telhado, assim protegendo as paredes da casa de respingos de terra do jardim.

Pois bem! Acontece que a Kei Kei tinha uma atração muito grande pelos castelinhos. E quando descobrimos que ela vinha tirando alguns para brincar, foi repreendida firmemente para não mais mexer ou tirar castelinhos do jardim. Ela, com a sua inteligência aguçada (pelo menos, para um cão), tinha entendido perfeitamente a proibição.

Num belo dia, eu estava na varanda do fundo, quando a Kei Kei, que vinha da parte da frente da casa, passou por perto com a cara virada para a parede – claramente se escondendo de mim -, com a boca bem fechada e com um certo aumento de volume. Fui atrás dela, chamei-a e mandei-a abrir a boca.

E não é que ela estava trazendo um castelinho bem escondidinho!

Mais uma das suas "artimanhas".





APRESENTAMOS O CONTO

KEI KEI E A PORTA DO POMAR

POR SELMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAIS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



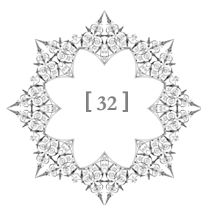
Leng Leng e Kei Kei eram duas cadelas Boxers irmãs da mesma ninhada, que adotamos quando tinham 3 meses de idade. Durante os seus primeiros anos, moramos numa casa grande, com jardins na frente e na traseira, e tudo rodeado por muros altos. No canto direito do muro do fundo, havia uma porta com maçaneta horizontal e fechadura, que dava acesso a um pomar e este por sua vez era rodeado por uma cerca alta de tela metálica grossa. Neste pomar tínhamos uma grande variedade de legumes, verduras, ervas para temperos e árvores frutíferas. Todos os dias, aguávamos as plantas e colhíamos o necessário para as refeições. Era então, conveniente deixar a porta de acesso para o pomar, destrancada durante o dia, fechada só pela maçaneta.

Num belo dia, as cadelas estavam soltas no jardim de trás e quando procuramos por elas, tinham "sumido". Quando demos conta, as duas estavam se divertindo no pomar: correndo, pisoteando as plantas, fazendo buracos e ambas alegremente sujas de terra.

Só poderia ter sido um descuido nosso, pensamos. E termos deixado a porta do pomar aberta resultou num grande estrago.

Mas, como não tínhamos certeza absoluta da nossa falta de cuidados e culpa, resolvemos vigiar Leng Leng e Kei Kei quando soltas no jardim que dava para o pomar. E então vimos a Kei Kei suportando-se somente nas patas traseiras - em termos humanos "literalmente de pé" - com a pata dianteira esquerda apoiada na parede rente à porta em questão e com a direita, fazendo movimentos verticais de cima para baixo na maçaneta, até conseguir abri-la e finalmente adentrar ao pomar.

E com mais essa surpresa, a confirmação da inteligência e astúcia da Kei Kei e a sua capacidade de imitar gestos humanos. Para evitarmos mais danos, trocamos a maçaneta por uma redonda, que só era aberta ao ser girada e a Kei Kei não conseguiria abrir. Dito e feito!





APRESENTAMOS O CONTO

RIVER

POR SELMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Não me recordo do dia da semana, mês ou ano, mas era um final de tarde agradável.

Sem os rigores do Inverno e do Verão, como monções ou tufões, que assolam esta região em alguns períodos do ano. Ainda bem!

Fui passear a nossa cadela, a Bequinha, pela avenida à beira do rio-mar, que se estende defronte à nossa casa. Esta avenida é ladeada por um passeio público que separa um dos seus lados, do mar. Este passeio, dava naquela época, acesso direto à água por um declive recoberto por enormes pedras rústicas, colocadas ali, pela mão do homem, para amenizar a ação das marés altas e ondas.

Em meio aquele declive, havia árvores, arbustos e moitas de erva alta, que surgiam pela "mão" do vento e dos pássaros. E enquanto a instituição responsável não mandava pessoal para arrancar ou carpir, esta vegetação florescia.

Enquanto andávamos naquele passeio, naquela tarde, ao longo da orla marítima, vi uma "mancha" acastanhada em meio a um destes montículos de vegetação e parei para olhar melhor.

Para minha surpresa e desconsolo, era um cão médio abandonado ou que teria fugido, ainda com uma coleira no pescoço. O pobrezinho era quase só "pele e osso" e estava tão fraco que não se mexia nem reagia aos estímulos externos.

E eu não tive coragem para seguir o meu caminho, sem nada fazer.

Ainda bem que tinha comigo um telefone portátil. E também tinha amigas que trabalhavam com a ANIMA (Associação de Proteção dos Animais de Macau). Esta associação já tinha um abrigo para cães e gatos, há vários anos.

Telefonei para uma delas que se prontificou a vir socorrer o cãozinho.

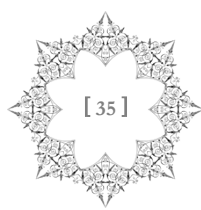
Ele - ainda sem reagir - teve que ser carregado nos braços e colocado num carro.

Foi levado ao abrigo, cuidado, alimentado e dentro de algumas semanas, estava pronto para ser adotado - mas, enquanto eu tive conhecimento, por mais de um ano nada aconteceu, pois são poucos os que têm esta sorte e felicidade.

E no abrigo, batizaram-no de "River" ("Rio"), é claro, pois fora junto ao rio-mar que este cãozinho teve a sorte de ter sido encontrado e poder sobreviver por mais tempo.

E não é do meu conhecimento que o River tenha sido procurado por qualquer pessoa fora do abrigo.

O abandono e o descaso continuam a ser marcantes em cidades e lugares de qualquer tamanho e condição econômica. Infelizmente!





APRESENTAMOS O CONTO
QUE ALEGRIA!... E ALÍVIO!
POR SELMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAIS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Permitam-me fazer uma introdução ao assunto. Macau, há pelo menos algumas décadas (do que tenho conhecimento), "importa" cães da raça Galgo, para "suprir" a demanda de um dos donos dos Jogos de Azar - jogos tão enraizados nesta cidade e a principal fonte de renda da administração de Macau. Os cães são "usados" na "Corrida de Cães". E não me perguntem como eram tratados, pois devido a imensa pressão contra este tipo de "jogo de azar", pelo uso dos animais, a esta atividade foi enfim, colocado um ponto final. Mas, o que fazer - pasmem - com cerca de 600 cães ali contidos?

Começaram-se processos de adoção, com uma longa e lenta burocracia a ser vencida.

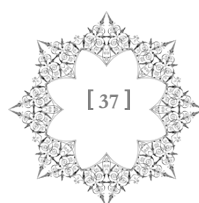
Pois bem, há cerca de três dias, recebi uma mensagem da ANIMA (Associação de Proteção dos Animais de Macau). Nela, diziam que um dos Galgos precisava ficar de quarentena (cerca de três a quatro meses) durante um processo de adoção a pedido da Austrália. E como a ANIMA não tinha mais espaço (pela superlotação de cães e gatos), fazia uma súplica para ver se alguém podia cuidar do cão neste período. O pedido vinha acompanhando de uma foto do referido animal.

Como eu já tenho uma cadela em casa e que é muito agressiva com qualquer outro cão, só pude ajudar reenviando a mensagem para todos os meus contatos em Macau. E não ouvi mais notícias sobre o assunto.

Hoje, pela manhã, fui caminhar. E na ida passei perto de um pequeno jardim reservado para cães. Lá dentro, havia uma jovem mulher com 2 cães, um dos quais, um Galgo. E por ele ter a mesma cor de pelo do animal da foto referida acima, eu não resisti e comecei a conversar com a jovem. E era exatamente o mesmo cão do pedido de cuidados temporários, da referida associação.

Confesso que nessas horas ainda me vem um pouco de esperança na humanidade. Alguns de nós são a prova contrária da onda atual de decadência da mesma.

Que alegria!... E alívio!



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI